

A BARRACA

2018

TEATROCINEÁRTE

Антон Павлович

Чехов
1860 - 1904

В 1890 году прибыл на Сахалин
и провел первую перепись
населения.

À Volta o Mar, no Meio o Inferno

A Barraca

Nos primeiros anos de trabalho navegámos no espaço vazio. Fernão Mendes, Gil Vicente, D. João V... Um ciclorama, um mapa, um reposteiro. Luz, linóleo, roupa. Nunca tivemos cenários tão belos. A Barraca ainda não abandonou as lições de Brook quer no que diz respeito à estética quer no seu conselho contra “o aborrecimento” e sobre a função do actor no espectáculo. Assim, colocamos no trabalho e no jogo do actor o nosso mais alto investimento cenográfico. O corpo físico do actor bem como a roupa que a personagem enverga e a define são na maior parte das produções a nossa principal cenografia. Uma ou outra rampa. Uma ou outra escada. O trabalho da cenografia está fundamentalmente em dimensionar e tornar belo, signficante e surpreendente o espaço que se quer o mais vazio possível.

Também o anseio de Lorca pela agilidade de cada produção teve na Barraca uma marca indelével. Porque como ele pensamos que não há vida livre sem cultura, trabalhamos em conformidade com isso porque como teatro cidadão em que nos reconhecemos, pensamos que os contribuintes, de perto ou de longe, têm direito a beneficiar em situação de paridade do contributo dos seus impostos. E também porque sempre quisemos que as nossas peças fossem vistas por toda a gente.

Agilidade na montagem e remontagem e espaço livre onde a imaginação de quem vê e quem faz possa completar o espectáculo que se apresenta e observa. São esses os dois desafios que incessantemente nos colocamos em cada novo trabalho.

Nesta altura já não sabemos se as lições de Lorca e Brook teriam na Barraca o efeito que tiveram se a Companhia tivesse sido ao longo da sua vida generosamente apoiada. Muito dificilmente se mede o efeito do passado no presente. Foi assim. E a estética que a pobreza de recursos ajudou, alimentou-nos um gosto e uma moral. Há já muito tempo que queremos ser assim. Investimos no tempo de ensaios, nos trabalhos complementares, na permanência dos actores na Companhia, convictos que só em companhias estáveis se produz o teatro que nos interessa fazer. Mas a manutenção de uma Companhia estável é mais cara do que muitas cenografias. Só que em arte não se podem separar os universos. Digo gestão - digo estética. Por isso, A Barraca não pára de fazer sessões para manter a Companhia. Por isso, A Barraca aceita todos os convites, mesmo em péssimas condições, para manter a Companhia. Por isso grande parte das pessoas trabalhou durante estes últimos anos, horas sem fim pro bono, para manter a Companhia. Porque a Companhia é o corpo dos actores que dá corpo às peças, o corpo dos técnicos que dá luz às peças. A Companhia é a voz que atende o público, sem o qual não vivemos.

Maria do Céu Guerra

Outro Tchekov



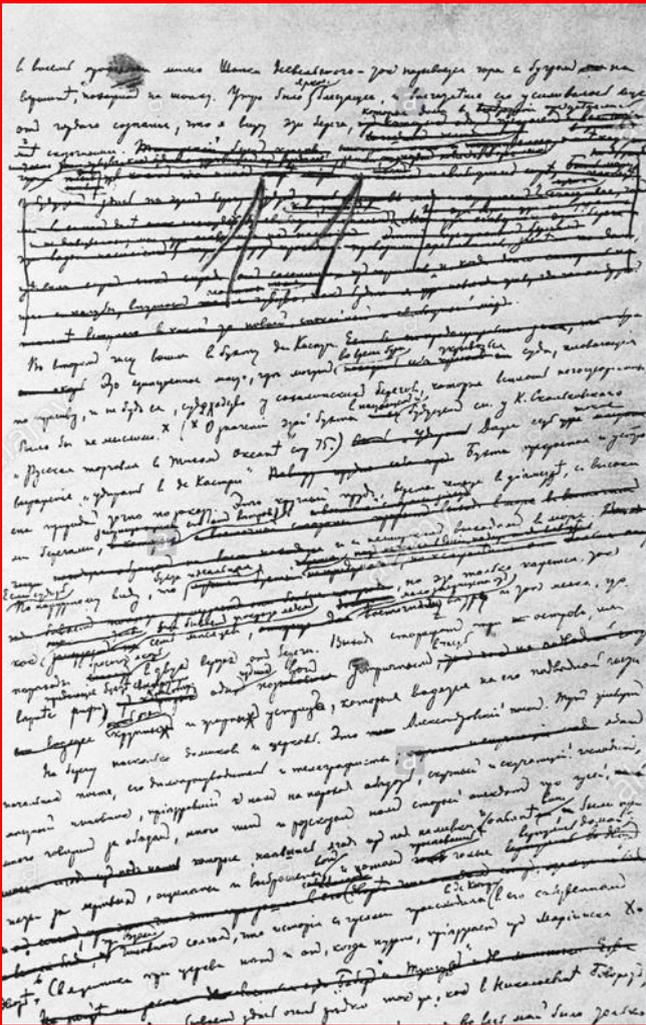
Encarcerados à entrada das minas, Sacalina (Katonga), 1903. Foto de V. M. Doroshevich

A Grande Viagem. Tchekov em Peregrinação

Na ilha prisão onde foi por compromisso ético ou sabe-se lá porquê, Tchekov febril, é visitado pelas suas mais desgarradoras personagens, que confunde em sonhos com funcionários, carcereiros e encarcerados. O amor pelos outros - Um espectáculo de utilidade pública. Espaço vazio.

Em 1890 Tchekov, jovem médico, resolve deixar Moscovo para ir conhecer Sacalina, a mais cruel ilha de condenados do tempo. Possivelmente influenciado por Tolstói ou por Dostoiévski na sua experiência como degredado na Sibéria, ele quis sessenta anos depois do autor das *Recordações da Casa dos Mortos* conhecer o mais brutal do czarismo. Com o objectivo não revelado de fazer um censo sobre o número, as doenças, as penas, os castigos e o modo de vida dos milhares de condenados que a Rússia deportava sem regresso para a sua zona mais oriental, inóspita e abandonada, o dramaturgo viveu o período mais perturbador e enigmático da sua vida. Quando o seu amigo Suvórine lhe afirmou que a sua viagem era apenas um capricho e que a ninguém interessava Sacalina, Tchekov respondeu *“diz o senhor que ninguém quer saber de Sacalina. Será realmente assim? A Sacalina apenas não tem interesse para uma sociedade que não sabe que envia milhares de pessoas para lá e dispende milhões com essa ilha. Depois da Austrália e da Ilha do Diabo na Guiana Francesa, nos nossos dias Sacalina é o único ponto do globo onde se pode estudar a colonização levada a cabo por condenados...através dos livros que li e estou lendo torna-se evidente que temos deixado apodrecer nas prisões milhões de homens barbaramente, temo-los mantido algemados às dezenas de milhar, contagiamo-los de sífilis, corrompemo-los moralmente, multiplicamos o número de criminosos.... Agora toda a Europa culta sabe que a culpa não é das prisões oficiais mas de todos nós. Nós a dizermos que nada temos com isso... Não, garanto-lhe, Sacalina é interessante e é nosso dever saber tudo o que se passa ali.”*





O dramaturgo foi para Sacalina. Só 11 semanas após a partida chegou à ilha.

“À volta do mar, no meio o inferno” escreveu. Tinha partido de Moscovo em Janeiro, esteve um tempo em São Petersburgo e partiu a 21 de Abril. Só a 5 de julho chega ao extremo oriente russo, ou seja, passa a Sibéria. 6 dias depois desembarca em Sacalina.

Em 2 meses percorreu a ilha. Viu, recolheu dados, escreveu. Em Outubro inicia a viagem de regresso e chega a Moscovo a 8 de dezembro. Viu, segundo ele, quase tudo. Voltou doente. E escreveu um livro de viagem - *A Ilha de Sacalina* - que é a base de trabalho deste espectáculo. Vamos cruzar as suas “notas” com os seus sonhos febris, em que misturados com o quotidiano de guardas e condenados, personagens de *Ivanov*, *As Três Irmãs*, *Doutor Ragguine* da *Enfermaria nº6* e algumas outras figuras e situações da sua ficção narrativa, povoam a sua solidão. *Noites Brancas* podia chamar-se o espectáculo, ou *Coração das Trevas*, se não fossem já nomes de belos textos de Dostoiévski e de Conrad.

Não podemos deixar de pensar nalgumas prisões do nosso tempo e na indiferença com que são encaradas pelas democracias nossas contemporâneas as concepções punitivas até à morte, em vez de reeducadoras, que orientam o sistema prisional de grande parte dos países olhados como civilizados. Agora que os suspeitos são mortos na rua, á cautela com o risco de serem apenas o alvo de uma bala perdida, este espectáculo interroga se não estaremos a assistir calados a um recrudescimento da barbárie e da pena de morte quando faz apenas cento e cinquenta anos que lutámos pela sua abolição?

Maria do Céu Guerra

Página do manuscrito de Anton Tchekov de *Ilha da Sacalina* preservado no Museu da Casa Tchekov em Moscovo. Foto da Alamy Photo.

Nada mais difícil do que pôr um sonho em cena...

Quando li a chegada do Governador à ilha de Sacalina, reconheci uma personagem que, tal como Tchekov gostava, não era só bom nem só mau. Nem era só grotesco. Havia nele alguma quase esquecida nobreza de carácter e aquela espécie de caridade dos cristãos que tanto está presente como ausente nas suas vidas. Ele convivía com a corrupção, com a mentira, com o encobrimento, mas mesmo assim ainda recordava e fazia recordar a Reforma Judicial de Alexandre II, ao tempo já esquecida, que influenciado pelos ventos da França, reclamava a igualdade dos cidadãos perante a lei, o fim da servidão e o fim dos castigos corporais no âmbito prisional.

As cenas lembram Gogol e o seu impiedoso sarcasmo, as reprimendas do Governador em *petit comité* antagónicas do elogio que faz em público aos funcionários da colónia, torna a cena uma evocação viva das personagens daquele autor. Mas é Tchekov quem espreita atrás daquelas pessoas boas que se portam mal e não têm razão e daquelas pessoas más que às vezes têm razão e até se portam bem.

Volto ao princípio do texto. Ao desenhar a cena e partindo da informação, segura de que o autor era dado a pesadelos, fi-lo aproximar-se em sonhos do universo da sua primeira peça vinda a público: *Ivanov*. A corrupção, a mentira, a denuncia, a intriga, o assassinato civil, que atravessam as páginas dessa peça e fez com que ela fosse ao tempo bastante mal recebida, são o universo de Ilha dos Condenados...

Fiquei feliz quando depois de tomada a decisão dramaturgica, encontro numa carta este comentário que de certo modo, reforça a minha opção:

«Ivanov e Lyov apresentam-se em minha imaginação como pessoas vivas. Afiãoz-lhes, com toda a consciência, que esses homens não nasceram em minha cabeça por acidente, nem de espuma do mar ou de ideias intelectuais pré-concebidas. Eles são o resultado da observação e do estudo da vida.»

Espectáculo

Eles permanecem em meu cérebro e eu sinto que não falsifiquei a verdade nem a exagerei em nada (...)", escreve Tchekov a A. S. Suvórin, 30 de dezembro de 1888 (*Cartas*, p.141).

E o nosso Tchekov, que abomina a injustiça e a imoralidade, permitiu-nos, com a fusão dos dois textos - *A Ilha de Sacalina* e *Ivanov* - realizar uma cena em que as personagens da sua primeira peça vestidas como as figuras da "Paris de Sacalina" ou vice-versa, nos dão num sonho a dimensão dos pecados mortais das nossas sociedades: Mentira, intriga, corrupção, crueldade.



MCG

Em Golodaiushchim de Pomoshch, Moscovo, 1892. Na legenda lê-se "Um homem com fome entende os famintos".

À Volta o Mar, no Meio o Inferno

Outro Tchekov

Texto e concepção do espectáculo de **Maria do Céu Guerra**

Música e Direcção Musical de **António Vitorino de Almeida**

Apoio à encenação - **Ruben Garcia e Sérgio Moras**

Costureira – **Zélia Santos**

Montagem - **Mestre Mario Dias e Valentyn Kryvokhyzha**

Iluminação - **Paulo Vargues**

Apoio á Sonoplastia e Banda Sonora – **Fernando Belo**

Guarda-Roupa – **Maria do Céu Guerra e Sérgio Moras**

Secretariado e Divulgação - **Inês Costa**

Design gráfico do programa do espectáculo - **Helder Ramos**

Obras a partir das quais se fez este espectáculo:

A Ilha de Sacalina - Notas de Viagem a Sacalina

Trágico à Força - peça em um acto

Os Forçados - conto

Pedido de Casamento - peça em um acto

Ivanov - peça em quatro actos

Enfermaria nº6 - novela

A Panhonha - conto

As Três Irmãs - peça em quatro actos

A Dama do Cãozinho - conto

A Gaivota - a inspiração

Obras pesquisadas e citadas:

A Ilha de Sacalina - Notas de Viagem a Sacalina - Tradução de Julia Ferreira e José Claudio

Biografia de Tchekov de David Magarshack - Tradução de João Gaspar Simões

A Vida de Tchekov de Elsa Triolet – Tradução de Alfredo Brás



Ruben Garcia Tchekov, Ivanov.



Rita Soares Natalia, noiva de *Pedido de Casamento*, chinês na Sibéria, filho de condenada, presa, Guiliak, presa no encontro de Tchekov com os condenados, Três irmãs.



Sónia Barradas Prima de Tchekov a ler carta da Sibéria, senhora de Sacalina / Zinaida Savichna no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, funeral, presa no encontro de Tchekov com os condenados, *Três irmãs*.



João Maria Pinto Tchubokov, pai no *Pedido de Casamento*, piloto do barco que os leva a Sacalina, Governador de Sacalina - conde apaixonado no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, funeral, Preso de Sacalina no encontro de Tchekov com os condenados que representa as ideias mais progressistas do tempo sobre prisões e trabalho e sofre por isso.



Adérito Lopes Garimpeiro em viagem na Sibéria, Bourkine no *Sonho de Ivanov*, colono, inspector que acompanha a viagem de Tchekov à ilha de Sacalina.



Claudio Castro Viajante, policia amante de teatro, *Trágico à Força* - empregado dos correios, soldado, um dos inimigos no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, preso rebelde no encontro de Tchekov com os condenados, preso rebelde na enfermaria inspirado na personagem de Gromov de *Enfermaria nº6*



Patricia Frazão Irmã de Tchekov a ler carta da Sibéria, senhora de Sacalina / Babakina no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, funeral, presa no encontro de Tchekov com os condenados, Três irmãs



Sergio Moras Suvórine, jornalista conservador amigo de Tchekov, barqueiro, homem em viagem na Sibéria, médico de Sacalina, inspirado em Dr. Raguine de *Enfermaria nº6*



Samuel Moura Funcionário do estado, Lomov de *Pedido de Casamento*, homem em viagem na Sibéria, médico no *Sonho de Ivanov*, inspector da colónia, doente na enfermaria.



Miguel Migueis Viajante não identificado, cocheiro, homem em viagem na Sibéria, ex-preso, dono de loja de comidas em Sacalina que dá e tira a galinha a Tchekov, oficial em Sacalina/ Lebedev no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, preso no encontro de Tchekov com os condenados que no inferno consegue falar em humanidade, enfermeiro inspirado na personagem de Nikita na *Enfermaria nº6*

ELENCO



David Medeiros Tartaro, funcionário da estação em *Trágico à Força*, homem em viagem na Sibéria, inimigo no *Sonho de Ivanov*, Guiliak, preso rebelde no encontro de Tchekov com os condenados, doente na enfermaria.



Kateryna Petreanu Senhora do cãozinho no Teatro de Tomsk, Sachenca no *Sonho de Ivanov* / russa da tradicional cerimónia da oferta de pão aos visitantes, presa no encontro de Tchekov com os condenados, enfermeira.



Carolina Medeiros Mulher doente em viagem na Sibéria, rapariga doméstica que recebe Tchekov em Sacalina, empregada na recepção ao governador / Gravila no *Sonho de Ivanov*, Anna mulher de Ivanov no *Sonho de Ivanov*, órfão no funeral, Guiliak, panhonha, rapariga operada na enfermaria.



Paulo Lima Judeu de quem ninguém gosta e o contra-regra do Teatro Tomsk



Maria do Céu Guerra Por estar a dirigir o espectáculo participa apenas no encontro dos presos com Tchekov com a personagem de Padeira.



António Vitorino de Almeida
Música e Direcção Musical



Fernando Belo Apoio à Sonoplastia e Banda Sonora



Paulo Vargues Iluminação

A primeira versão deste trabalho foi estreada em Julho de 2018 com a participação dos finalistas do Curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro IDS-Instituto de Desenvolvimento Social - que participaram na interpretação e produção do espectáculo: Ana Calado, Ana Margarida Gomes, Arlete Candô, Ândria Margarida, Celma Diniz, Inês Silva, João Teixeira, Miguel Santos, Patrícia Frazão, Rafael Cláudio, Rafael Soares, Rafael Jesus, Rita Casaca, Sara Soares, Sara Noronha, Tatiana Ribeiro, Tiago Peralta e Viviana Borges.

Deste curso foram convidados para participar no espectáculo os finalistas Patricia Frazão e Miguel Migueis.

Cronologia de Anton Tchekov

1860 – Nasce em Taganrog – antigo porto no mar Negro – a 17 de janeiro de 1860, o terceiro filho de Pável E. Tchekov, proprietário de um pequeno e malsucedido comércio de produtos alimentícios.

1867 a 1876 – Estudos no liceu de Taganrog e na escola profissional do distrito (secção de alfaiataria). Frequência no teatro da cidade onde vê o *Hamlet*, *O Revisor de Gogol*, etc. Escreve as primeiras peças, que destroi logo a seguir. O pai lanca-se na construção de uma casa para a família.

1876 – Após a falência do negócio do pai, a família muda-se para Moscovo deixando Anton, então com dezasseis anos, em Taganrog, para terminar o liceu.

1879 – Tchekov muda-se para Moscovo, unindo-se à família.

1880 – Ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo, onde se forma em 1884. Ainda na faculdade, começa a escrever contos humorísticos, publicados em diversos pequenos periódicos (*Cacos*, *Despertador*, *Libélula*, etc.), para os quais continua a colaborar após a sua formatura. Obras marcantes desse período (1882- 1886) são os contos: *Incidente com um Clássico*, *Camaleão*, *A Morte do Funcionário*, *O Gordo e o Magro*, *Uma Cirurgia* e *Angústia*. Tchekov escrevia nessa época com o pseudónimo Antócha Tchekhonté.

1881 – Escreve a sua primeira obra dramática de grande formato, *Besotsóvchtchina* (Sem Pai) provavelmente concebida ainda em 1878, mais tarde, *Platonov*. A obra foi recusada pelo Teatro de Maly e não chega a ser publicada ou encenada durante a vida do escritor. A primeira publicação surge



em 1923, sob o título *A Peça Não-Publicada de A. P. Tchekov*, no quinto volume da coleção Dokumiénti Po Istórii Literatúri (*Documentos Sobre a História da Literatura*).

1884 – Lança o seu primeiro livro, *Skazki Melpoméni* (*Contos de Melpomene*), compilação de trabalhos publicados na imprensa humorística. Tem a primeira hemoptise. Começa a trabalhar numa tese sobre o tema *Medicina na Rússia*.

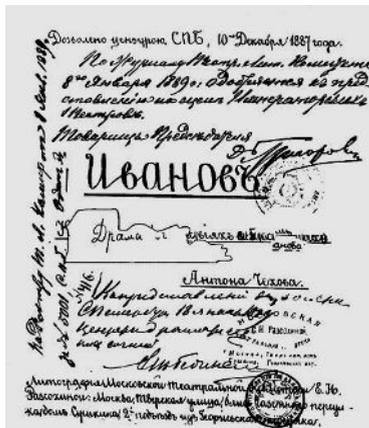
1885 – Começa a colaborar para o jornal Peterbúrgskaia Gazeta (*Jornal de São Petersburgo*), periódico que permite escrever contos não-cômicos e o torna acessível a um público mais exigente.

1886 – Início da sua colaboração no jornal Nóvoie Vriémia (*Tempo Novo*), dirigido por Aleksei S. Suvórin, que viria a ser um dos seus amigos literários mais chegados, onde Tchekov iria trabalhar até 1898. A partir deste momento, começa a assinar com o nome *Tchekov*. No mesmo ano escreve a comédia em um ato *O Vredé Tabaká* (*Os Males do Tabaco*), que seria publicada pela primeira vez em 17 de fevereiro no Peterbúrgskaia Gazeta, nº 47. Uma versão corrigida desse monólogo teatral iria integrar a coletânea Pióstrie Rasskázý (*Contos Coloridos*), publicada por S. I. Naipókin, Moscovo, 1886. Em 1902 reescreve a peça, que tem a sua nova versão publicada no 15º volume da primeira edição de suas *Obras Completas*, organizada pelo próprio Tchekov e lançada pela editora de A. F. Marx, São Petersburgo.

1887 – Escreve a comédia em um ato conhecida como Liebiedínaia Piésnia' (*O Canto do Cisne*). A obra foi publicada pela primeira vez com o título de *Kalkhás – Exercício Dramático em Um Ato*, na coletânea *Sezón*. A peça representava uma versão do conto homónimo publicado na *Peterbúrgskaia Gazeta* em 1886.

Escreve a primeira versão da peça *Ivanov* – a segunda peça de grande formato e a primeira publicada, no mesmo ano, na coleção da Biblioteca do Teatro, editada por S. F. Rassókhin. A estreia da peça ocorre a 19 de novembro de 1887 no Teatro Korch em Moscovo. Em 1888-1889, Tchekov reescreve *Ivanov* para a temporada seguinte do Teatro Aleksandrínski em São Petersburgo, publicando a segunda versão no periódico mensal de arte e literatura *Sévierni Viéstnik (O Mensageiro do Norte)*, São Petersburgo, nº 3, 1889.

1888 – Escreve duas comédias em um ato. Em fevereiro produz *Medvéd (O Urso)*, publicada no mesmo ano no jornal *Nóvoie Vriémia*, nº 4491. A peça estreia no Teatro Korch a 28 de Outubro.



Capa da cópia censurada de *Ivanov* 1887

Capa de *As Bodas*, 1902



Entre Outubro e Novembro escreve *Predlojénie (O Pedido de Casamento)* que também constaria da coleção Biblioteca do Teatro de Rassókhin. A segunda versão – corrigida – da obra sai em 1889 no *Nóvoie Vriémia*, nº 4734. A peça só estrearia em Moscovo a 20 de fevereiro de 1891 no Teatro Maly. Publicou com assinalável êxito a novela *Estepe*.

1889 – Estreia com êxito *Ivanov* no Teatro Aleksandrínski em São Petersburgo a 31 de janeiro. Agravamento da tuberculose, e morte, do irmão Nikolai. Primeira versão do *Tio Vânia* recusada pelo Teatro Aleksandrínski e fiasco no Teatro Abrámov. Escreve a comédia em um ato *Tráguik po nevóle (Trágico à Força)*, publicada por V. A. Bazárov, São Petersburgo. Uma segunda edição, corrigida, é apresentada em abril de 1890 na revista *Artist*, nº 7. Tchekov termina o trabalho na comédia de grande formato *Liéchi (O Silvano)*, concebida ainda em 1888 em colaboração com A. Suvórin. A peça estreia no Teatro Abrámov em Moscovo a 27 de dezembro de 1889. Publicada pela primeira vez em 1890 é incluída, no mesmo ano, na coleção Biblioteca do Teatro. Ainda em outubro, o escritor produz mais uma comédia em um ato, *Svádba (As Bodas)*, publicada em 1890 na coleção Biblioteca do Teatro. Posteriormente, em 1902, a peça integraria a coletânea A. P. Tchekov – *As Bodas, O Jubileu e As Três Irmãs* publicada pela editora de A. F. Marx, São Petersburgo.

1890 – Tchekov viaja para a ilha de Sacalina, onde se localizava a maior penitenciária russa. A viagem dura quase um ano. Realiza um recenseamento da população local e um extenso levantamento sociogeográfico da região. Posteriormente, parte dessa pesquisa integrara o livro *A Ilha de Sacalina*, publicado como edição especial da revista *Rúskskaia Misl (O Pensamento Russo)* em 1895. A viagem a Sacalina vai de 21 de Abril a 8 de Dezembro.

1891 – Escreve a novela *O Duelo* e o estudo sobre Sacalina. Viagem a França, Austria e Itália com Suvórine.



1892 e 1893 – Produz a comédia em um ato *Yubiléi (O Jubileu)* que é incluída, no mesmo ano na coleção de Rassókhin. Uma segunda publicação da peça ocorreria em 1902, integrando a coletânea A. P. Tchekov – *As Bodas, O Jubileu e As Três Irmãs*. Compra a propriedade Melicovo, perto de Moscovo. Empenha-se na luta contra a epidemia de cólera. Edição da *Enfermaria* nº 6.

1894 – Publica a novela *Monge Negro* e *A Ilha da Sacalina*.

1895 – Reconciliação com Isaac Levitan. Primeiros encontros com Tolstói. Escreve *A Gaivota*.

1896 – Estreia catastrófica d’*A Gaivota* a 17 de outubro no Teatro Alexandrínski com a célebre atriz Vera Kommissarjevshaia no papel de Nina. Peça publicada na revista *O Pensamento Russo* em dezembro do mesmo ano. A segunda encenação, de Konstantin Stanislávski e Vladimir Nemiróvitch-Dántchenko, seria no Teatro de Arte de Moscovo (TAM) na temporada de 1898-1899, inaugurando um processo de reconhecimento mundial para Tchekov e para a inovação teatral que surgia na Rússia.

1897 – Escreve a peça *Diadia Vânia (Tio Vânia)*. Publicada pela primeira vez na coletânea de obras dramáticas de Tchekov Piéssi (*As Peças*), lançada pela editora Nóvoie Vriémia, São Petersburgo, 1897.

1898 – Durante os ensaios de *A Gaivota*, Tchekov conhece a jovem e talentosa atriz Olga Knipper – que fazia o papel de Arkádina, com quem viria a casar em 1901. Knipper tornar-se-ia numa das principais atrizes do TAM, participando em todas as encenações das peças de Tchekov dirigidas por Stanislávski. Tomada de posição a favor de Dreyfus. *Tio Vânia* representado na província.

1899 – *A Gaivota* estreia a 17 de Dezembro no TAM, sob a direção de Stanislávski. Início de amizade com Máximo Gorki. Publicação da *A Dama do Cãozinho*.

1900 – Escreve o drama *Tri Sestri (As Três Irmãs)*, publicado em fevereiro de 1901 na revista *O Pensamento Russo*, nº 2, Moscovo. A peça estreou-se a 31 de janeiro de 1901 no TAM. Também lá, a 26 de Outubro, a estreia de *Tio Vânia*. Saem a lume os primeiros volumes da edição Marx, editora à qual Tchekov tinha cedido os seus direitos. Redação de *Três Irmãs*. Em Yalta, ele vê pela primeira vez *Tio Vânia*.



1901 – Estreia de *Três Irmãs* no TAM a 31 de Janeiro. Casamento com a Olga Knipper. Agravamento do seu estado de saúde.

1902 – Abandono do título de académico honorário em protesto contra a anulação da eleição para a academia de Máximo Gorki. Inicia trabalho em *O Cerejal*.

1903 – É publicada em São Petersburgo a primeira edição das *Obras Completas* em quinze volumes do autor, publicada pela A. F. Marx.

Tchekov e Knipper em Melicovo

No mesmo ano (1903), Tchekov escreve o que viria a ser a sua última obra dramática, a comédia Vichnióvi Sad (*O Cerejal*), publicada pela primeira vez no segundo volume de coletânea lançada pela agremiação literária *O Conhecimento*, São Petersburgo, 1904.

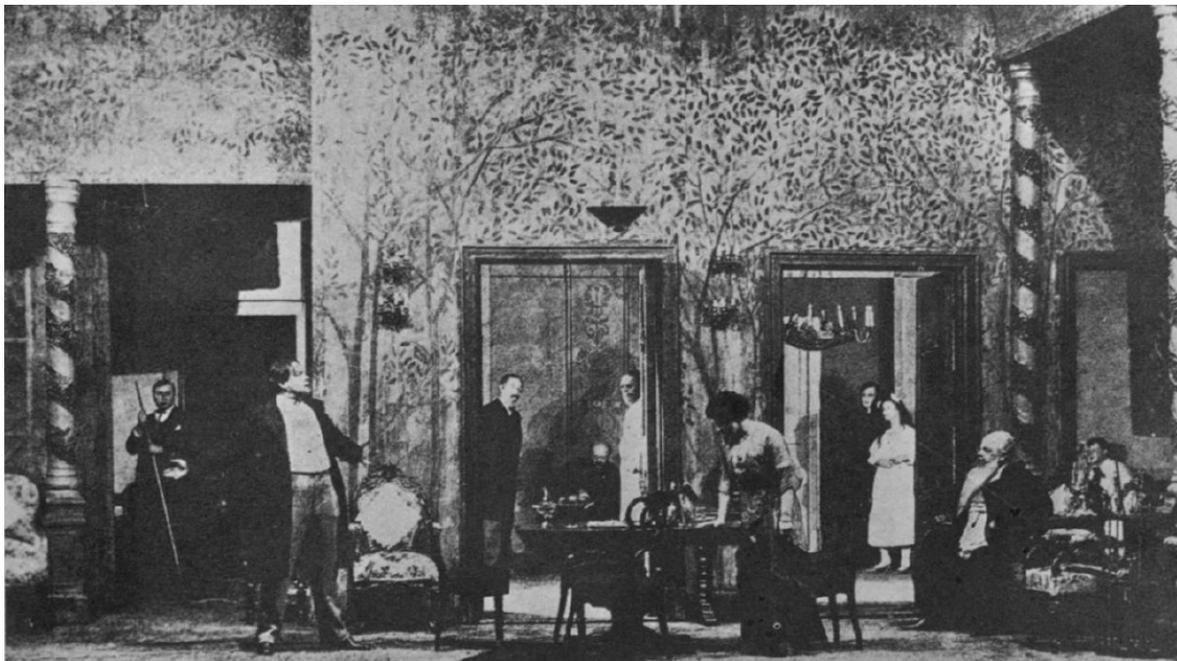
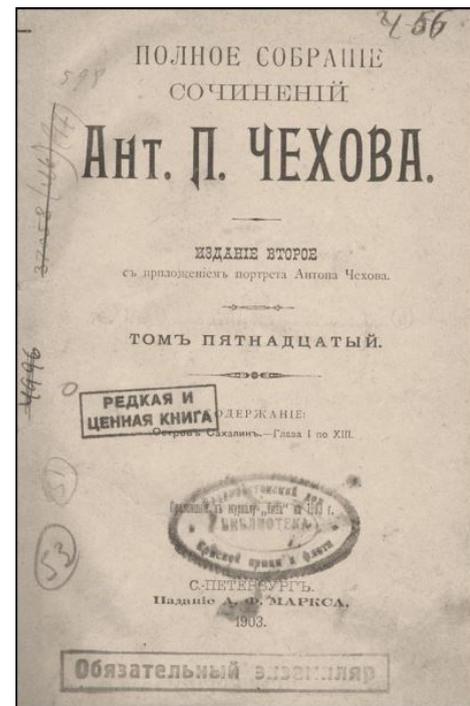


Foto de uma cena do terceiro ato do espectáculo original de *O Cerejal* em 1904 no Teatro Arte de Moscovo



Capa original *Obras Completas* de Tchekov, edição A. Marx, 1903

1904 - A estreia de *O Cerejal* ocorre no dia do aniversário do autor, a 17 de janeiro, de 1904 no TAM, também dirigida por Stanislávski.

Tchekov morre vítima de tuberculose a 14 de julho na pequena cidade de Badenweiler, estação de águas na floresta negra do sul da Alemanha onde se submetia a tratamentos de saúde.

A Viagem de Tchekov a Sacalina

Ao largo da costa da Sibéria e do Japão, esta ilha russa inspirou Tchekov com uma história de viagem muito comovente, retomada em uma passagem no 1Q84, o best-seller do japonês Haruki Murakami.

Na época, Tchekov tinha apenas 30 anos, médico, autor com sucesso e paciente tuberculoso. Em carta a um amigo, ele alega ir estudar as condições de vida na ilha, "e assim pagar sua dívida à medicina".

O transiberiano descrito por Cendrars ainda não existe. Anton Pavlovich Tchekov leva mais de dois meses para atravessar a Sibéria, "uma enorme reserva de silêncio", antes de chegar ao Pacífico Norte e à ilha vizinha do Japão, há muito proibida a estrangeiros. Grenier especifica: "Decidido a realizar uma investigação sobre este lugar amaldiçoado dedicado às galés e à deportação, ele começa em condições de loucura. Não tem documento oficial, nem ordem de missão, nem mesmo uma carta de recomendação. [...] ele pode ser solicitado a voltar de onde veio, ele enfrenta o frio, a chuva, as inundações, depois o calor, a poeira, os incêndios florestais. Sacalina na Sibéria: "À volta o mar, no meio do inferno".

Em cima, crianças de Sacalina à frente da escola. Em baixo, crianças do povo Nivkh (nativos de Sacalina). Fotos de V.M. Doroshevich.



Excerto de **A Sacalina de Tchekov: Um retrato da viagem e do sistema prisional nas franjas do Império Russo** (século XIX) de Nykollas Gabriel Oroczo Nunes, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2015

No ano de 1890, chegava a Sacalina, uma ilha no extremo oriente do Império Russo, o famoso escritor Anton Pavlovitch Tchekov. Desta viagem surgiu um retrato, que hoje é um livro de mais de trezentas páginas, no qual este literato descreve aquilo que teria visto na ilha, comenta sobre os seus interesses lá, e discute com o leitor a respeito do que ele considera que sejam as injustiças e descasos com a população da tal ilha, que à época funcionava como uma colônia penal do Império Russo. Trata-se de um relato com uma variedade estilística impressionante: em questão de nove páginas, o autor compara uma cena que viu a uma citação de Shakespeare, menciona o Ulisses de Homero, descreve como haveria sido a história de Sacalina, passando pelos diversos navegadores que, segundo as suas leituras, mapearam a região tentando descobrir se Sacalina se tratava de uma península ou de uma ilha. Escreve sobre um velho que lhe terá narrado uma anedota sobre gansos bêbados e jurado que tudo acontecera no seu quintal e ainda dá as coordenadas geográficas da ilha que seria o seu objeto de estudo, precisando-as ao minuto.

A respeito do conteúdo do texto e da disposição dos temas e assuntos no livro *A Ilha de Sacalina*, trata durante os quatorze primeiros capítulos de uma descrição cronológica das particularidades de cada um dos povoados e de cada uma das prisões que Tchekov terá visitado e pesquisado na ilha, uma colônia penal de trabalhos forçados que se mostraria particularmente heterogênea, caótica, por vezes brutal e distante da realidade conhecida da Rússia ocidental aos olhos do viajante. Pelos nove capítulos restantes, o autor analisa o que chama de “aspectos particulares” da vida na colônia penal, baseado no que já observava e registrara.

Desta maneira se determina a fonte a partir da qual serão trabalhadas, ao longo deste estudo, questões acerca do sistema punitivo na Rússia ao fim do século XIX. A escolha desta fonte é merecedora de algumas considerações quanto à sua natureza e à contribuição que ela pode trazer a estudos na área da história. Primeiramente, o caráter científico, ou pelo menos paracientífico, da “pesquisa” de Tchekov durante a sua estadia em Sacalina é evidenciado pelo próprio autor quando este descreve o método que teria utilizado para coletar dados (e também impressões e experiências, em suas próprias palavras) :

Para percorrer, na medida do possível, todos os pontos do povoamento e para ver, mais de perto, como vivia a maioria dos deportados, recorri ao único método que me pareceu apropriado considerando as condições de que dispunha. Fiz um recenseamento. Em todas as colônias que visitei, entrei em cada casa e fiz uma lista dos proprietários, dos membros da família, dos inquilinos e dos servidores. Para facilitar o meu trabalho e eu poder ganhar tempo, propuseram-me amavelmente a colaboração de ajudantes; contudo, como o principal objetivo do meu recenseamento não era só obtenção de resultados, mas também a colheita de impressões que a própria experiência me proporcionaria, só recorri à ajuda externa em casos muito especiais.



Alexandrovsk, no tempo, capital da Sacalina

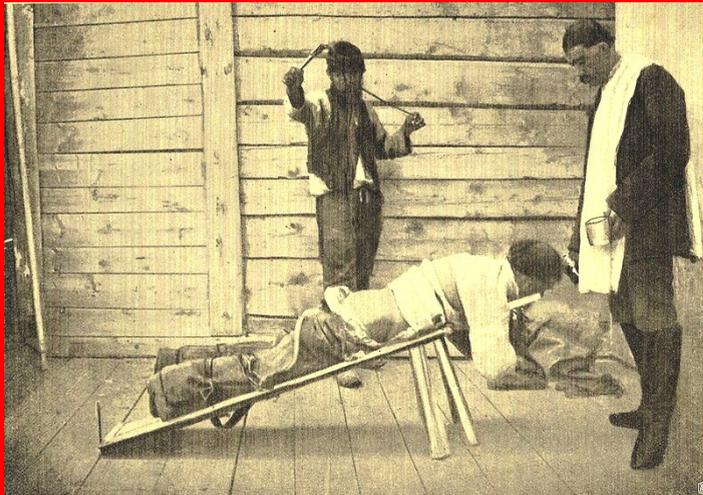
Este trabalho realizado durante três meses por uma única pessoa, na verdade não merece o nome de recenseamento. Embora os seus resultados não possam ser caracterizados pelo rigor e pela confiabilidade, não havendo dados mais precisos, nem na literatura, nem nos departamentos administrativos de Sacalina, talvez os meus números possam acabar por ser úteis.

Qual o objectivo do Império Russo quando da colonização de Sacalina?

Em primeiro lugar povoar a ilha de russos e impedir assim a sua ocupação pelos japoneses. Mas fazê-lo de que maneira?

O pensamento reformista de influência europeia do Czar Alexandre II, o rescaldo da Guerra da Crimeia, o perigo de um levantamento camponês, o pensamento liberal de uma intelligentsia que tinha cada vez mais influência no país, foram as causas das reformas de Alexandre II, que reinou de 1855 até 1881 e que consistiram basicamente em: abolição da servidão e da punição corporal, as reformas dos governos locais, a reforma do exército, a reforma da censura, a reforma judicial e a educação pública, etc. Mas Alexandre II foi assassinado em 1881 e quando Tchekov em 1890 foi a Sacalina, as medidas progressistas da reforma judicial e prisional já tinham caído no esquecimento. O Governador de Sacalina conhece-as e talvez as tivesse seguido durante algum tempo, mas nove anos depois da morte do Czar reformista já quase todos pareciam tê-las esquecido.

Desta divergência de pensamento e prática judiciária, Tchekov dá-nos notícia na sua obra através da discordância existente nos diferentes funcionários e inspectores da colónia penal de Sacalina.



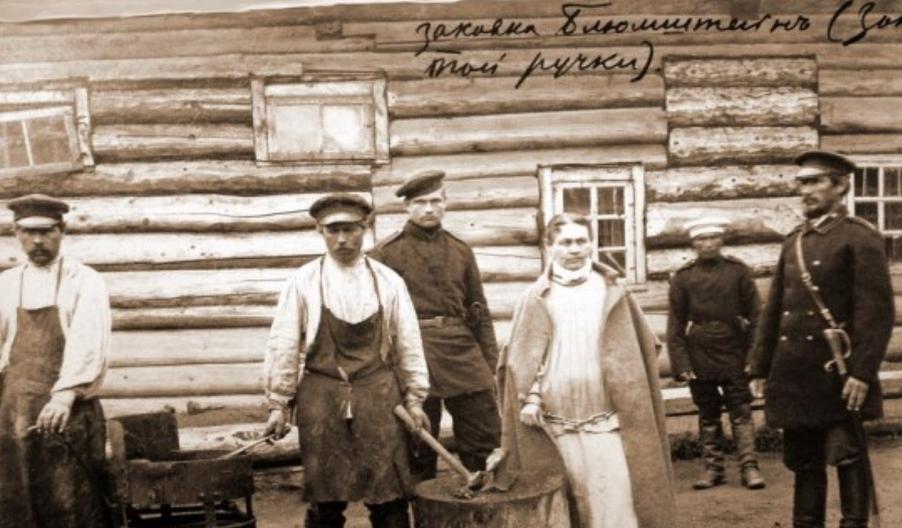
Sakhalin: Açoitado com o Plett de Vlas Doroshevich, em Katorga, 1897.

Em Sacalina estava estabelecido que era obrigatório os espancamentos serem assistidos por um enfermeiro que evitava com água e medicamentos a morte do condenado.

Um dos castigos praticados em Sacalina era o acorrentamento do forçado ao carro de mão em que irá trabalhar. Era um forma de dificultar a fuga.



Trabalhador condenado, deitado, Julho, de 1891 de Aleksei Kirillovich Kuznetsov, do album *Tipy i vidy Nerchinskoi katorgi* (Imagens e habitantes de campos de trabalho forçado de Nerchinsk).



A famosa condenada Sofia Bliuvshtein, conhecida como Zolotaia Ruchka ("Mão de Ouro"). Foto de Wikimedia Photo Commons



Retrato de condenados por Vlas Doroshevich, 1897



Condenados a construir jangadas, Vlas Mikhailovich Doroshevich em Sakhalin (Katorga), Moscovo, Publicações Sytin, 1905



Condenados a transportar troncos. Foto de Tchekov, 1890

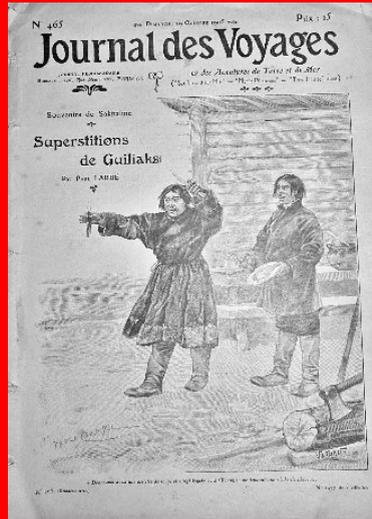
Os Guiliaks, povo nativo de Sacalina, caracterizados no livro de Tchekov **A Ilha de Sacalina** e citados por Murakami no livro **1Q84**:

1 – “...os Guiliaks consideram o trabalho no solo como um grande pecado; qualquer pessoa que cave a terra ou plante qualquer coisa morrerá cedo. Porém comem com grande prazer o pão, que conhecem por intermédio dos russos, e consideram-no um acepipe. Não comem legumes nem hortaliças, nem frutos. A sua alimentação faz-se à base de carne e peixe. O que lhes afeta grandemente a saúde.

2 – “Só mentem quando fazem negócio ou quando falam com pessoas suspeitas e, na sua opinião, perigosas, mas, antes de dizerem uma mentira, trocam olhares entre si, num gesto absolutamente infantil. Repugna-lhes toda a espécie de mentira e bazófia no decurso da vida quotidiana, mas não no âmbito dos negócios.”

3 – “Os guiliaks desempenham conscienciosamente as tarefas que lhes confiam, e não há memória de um Guiliak abandonar o correio a meio do caminho ou apropriar-se de bens de outra pessoa.”

4 – “São alegres, sensatos, bem dispostos e não sentem qualquer constrangimento na presença de ricos e poderosos. Não reconhecem nenhum tipo de autoridade e, segundo parece, nem sequer tem o conceito de superior e inferior”



Capa da edição #465 do Journal des voyages et des aventures de terre et de mer, 29 de Outubro, 1905

5 – “ A dificuldade que têm para nos entender pode medir-se pelo simples facto de, até hoje, ainda não terem compreendido qual a finalidade das estradas. Mesmo nos sítios em que se construiu uma estrada, eles ainda viajam através da taiga. É frequente vê-los, com a família e os cães, a abrir caminho, em fila indiana, num pântano ao lado da estrada.”

6- As mulheres são o último elemento do agregado familiar, sendo mesmo o seu lugar considerado abaixo dos cães, que são importantes para o transporte.



Povos indígenas de Sacalina a receberem tratamento médico

Doenças em Sacalina - O Censo de Tchekov

Cada um dos 3 distritos tem um hospital com um médico registado e todos dependem de um director de serviço de saúde. Há médicos militares que normalmente ocupam estes postos. Os doentes estão todos juntos e trabalham até poderem e nos muitos casos de paralisia progressiva registados na ilha todos os doentes são considerados saudáveis e obrigados a trabalhar. Maioria das mortes dá-se em trabalhadores condenados a trabalhos forçados na idade activa e entre trabalhadores reclusos.

Causas da Tísica em Sacalina: Severidade do clima no trabalho ou na fuga; privações de agasalho em celas de isolamento; insuficiência de matérias gordas na alimentação; saudades da terra natal.

Causas de Morte em Sacalina: Em 1889 houve 246 casos de sífilis por total abandono e falta de inspeção sanitária. Os registos paroquiais só registam 13 óbitos. Em 1889 houve 271 casos de escorbuto. A doença é trazida pelos prisioneiros trazidos nos barcos da Frota Voluntária. A morte prematura e caquexia senil, entre os 27 e os 48 anos. Doenças cerebrais; 27 registos de apoplexia e paralisia. 31 registos de epilepsia. 25 registos de perda de faculdades mentais.

Doenças causadas pela má nutrição: Nos últimos 10 anos estão anotados 1770 casos de doenças gastrointestinais, entre os quais 66% crianças. Causas: ingestão em excesso de peixe migratório no período da desova, pão de centeio e sopa da prisão. Conjuntivite endémica nos nativos. Grande número de pessoas cegas em liberdade.

1/3 da mortalidade é devida a doenças do aparelho respiratório. 15% dos óbitos por tuberculose – só os cristãos são registados:

Dos 0 aos 20 anos 3%;

dos 20 aos 25 anos 6%;

dos 25 aos 35 anos 43%;

dos 35 aos 45 anos 27%;

dos 45 aos 55 anos 12%;

dos 55 aos 65 anos 6%;

dos 65 aos 75 anos 2%.



Museu Chekhov na Rua Alexandrovsk-Sakhalinsky, Sacalina, Federação Russa.
A casa onde ele ficou em 1890.

Documentos

Fragmento dum mapa do império russo baseado no trabalho de d'Anville, páginas 21-22 d'O Atlas Que Descreve o Universo Inteiro de Thomas Kithen

Carta de Olga Knipper, mulher do autor, sobre a sua morte



Ele gostava muito de tudo o que é engraçado. Tchekov apreciava todo o humor, gostava de ouvir anedotas e, sentado a um canto, o queixo apoiado na mão, afagando a barbicha, ria com um sorriso tão comunicativo, que me sucedia muitas vezes não mais escutar a história e entendê-la através de Anton Pavlovitch. Gostava também muito dos prestidigitadores e dos palhaços.

Consegui mesmo fazer-me rir algumas horas antes da sua morte. Estávamos em Badenweiler. Após três dias difíceis, angustiantes, ao anoitecer sentiu-se melhor. Eu não o tinha abandonado durante esses dias e ele mandou-me dar uma volta pelo parque: no regresso, como se mostrava inquieto por eu ainda não ter jantado, respondi-lhe que o gongo ainda não havia soado. Soube depois que nós é que o não tínhamos ouvido e Anton Pavlovitch pôs-se a inventar um conto, descrevendo uma cidade termal extremamente mundana onde havia grande quantidade de banqueiros bem alimentados, gordos; ingleses e americanos de bochechas rosadas, saudáveis, amando a boa carne, e eis toda essa gente que regressa de uma excursão com a ideia de comer bem após a fadiga física do dia. Uma vez chegados ao hotel, eles tomam conhecimento de que o cozinheiro se despediu e não haverá sombra de jantar; seguiam-se as repercussões de um tal acidente estomacal sobre pessoas tão mimadas...

Eu estava estendida num sofá, deprimida pela angústia dos últimos dias, e ria de todo o meu coração. Nem ao de leve suspeitava que dentro de algumas horas estaria ali de pé, diante do corpo inanimado de Tchekov!

No último ano da sua vida, Anton Pavlovitch idealizava uma peça. Ele próprio ainda não a via muito claramente, mas dizia-me que o herói seria um sábio que ama uma mulher que não lhe corresponde, ou o engana, e que esse sábio partiria para o pólo norte. Era ali que ele imaginava o terceiro acto: o barco imóvel, retido pelos gelos; a aurora boreal, o sábio só, de pé sobre a ponte, o silêncio, a paz, a grandeza da noite e eis que sobre o fundo a aurora boreal vê passar a sombra da bem-amada.

Calma, tranquila, foi a morte de Anton Pavlovitch. Tinha acordado no princípio da noite e, pela primeira vez na sua vida, ele próprio pediu um médico. O sentimento de qualquer coisa imensa que ia atingir-nos dava a tudo o que eu fazia essa calma, essa precisão, como se alguém me guiasse com segurança. Recordo-me de um único momento apavorante, em que me senti perdida: o sentimento de uma multidão ao meu lado, no grande hotel adormecido e, simultaneamente, o da minha solidão total, da minha impotência. Recordei-me que nesse hotel habitavam estudantes russos que eu conhecia, dois irmãos, e pedi a um deles que fosse depressa procurar um médico; eu própria comecei a quebrar o gelo para o colocar sobre o coração do moribundo. Ouço, ainda, na calma opressiva de uma noite de Julho, insuportavelmente sufocante, o ruído dos passos afastando-se sobre a areia rangente...

O médico chegou, mandou vir champanhe. Anton Pavlovitch assentou-se e disse ao médico, em alemão, de uma maneira firme falando alto (ele pouco sabia de alemão): «Ich sterbe.» Em seguida, agarrou no copo, voltou o rosto para mim, sorriu com o seu admirável sorriso e disse:

«Há muito tempo que não bebo champanhe...». Esvaziou o copo, calmamente, deitou-se serenamente sobre o lado esquerdo e em breve se calou para sempre... Uma enorme borboleta noturna, trazida por uma rajada de vento, era agora a única a perturbar o espantoso silêncio da noite, batendo dolorosamente contra as lâmpadas elétricas, volteando no quarto...

Carta de Tchekov ao seu irmão Nicolai sobre os homens bem educados

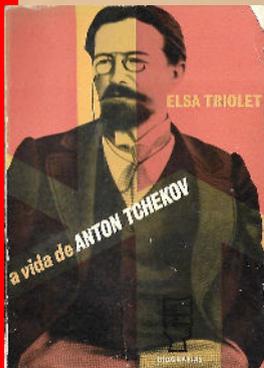


Tchekov com a família e amigos em frente da casa em Sadovaya-Kudrinskaya, antes da partida para Sacalina, 1890

Os homens bem-educados respeitam o ser humano e por isso são sempre indulgentes, serenos, delicados, complacentes... Não se irritam por qualquer ninharia. Vivendo com alguém, não se comportam como se o fizessem unicamente para prestar um serviço e, portanto, nunca dizem: “A vida consigo é impossível!” Suportam o barulho e o frio...e as brincadeiras, e a presença de estranhos em casa... São caritativos, e não sómente para os mendigos e para os gatos. Sofrem também com coisas que não se vêem a olho nu... São sinceros e temem a mentira como o fogo. Nunca mentem, mesmo nas pequenas coisas. A mentira é um insulto para quem a sofre e torna desprezível aquele que a emprega. Não se dão ares, conduzem-se na rua como em casa, nunca lançam poeira nos olhos dos mais pequenos que eles... Não são lingüareiros e não impingem as suas confissões sem que lho peçam. Não se rebaixam com o fim de inspirar compaixão. Não exploram a sensibilidade alheia para que lhes respondam com suspiros e se ocupem deles. Nunca dizem “Sou um incompreendido!” ou “Desperdicei os meus dons!” porque tudo isso tem em mira o efeito fácil, vulgar, antiquado, falso... Não são fúteis. Não se interessam por diamantes tão falsos como as relações com as pessoas célebres... Quando compram um bilhete por um centavo, não afirmam que lhes custou cem rublos e não se gabam que lhes deram entrada onde ela é vedada aos outros. Os verdadeiros talentos mantêm-se sempre na sombra, na multidão, afastados da galeria... Já Krilov disse que é melhor uma pipa vazia do que um tonel cheio... Se possuem talento, respeitam-no. Ao talento, sacrificam repouso, as mulheres, o vinho, a vaidade... Sentem-se orgulhosos do seu talento, pois têm consciência de que não foram chamados cá abaixo para exercer uma influência negativa... Por isso mesmo, facilmente os flagela a amargura. Têm de educar a sua estética. Não podem deitar-se completamente vestidos, ver na parede uma racha fervilhante de percevejos, respirar um ar ignóbil, caminhar sobre um sobrado coberto de escarros... Tentam enobrecer quanto possível o instinto sexual. Não passam o dia a emborcar copos de “vodka”, nem andam a cheirar os botequins, porque sabem que não são porcos... bebem apenas quando estão livres e se lhes oferece a oportunidade... Pois têm a necessidade de “mens sana in corpore sano”, etc. Eis como são os homens bem-educados. Para se educar, para não se sobrar no meio em que vivem, não basta ter lido Pickwick e aprender de cor um monólogo de Fausto. Para isso, é necessário um trabalho ininterrupto, de dia e de noite, uma leitura constante, o estudo, a vontade... Aqui cada hora é preciosa.... Vem, quebra a garrafa de “vodka”... Espero-te... Todos te esperamos.

nesse á-bê-cê que eu própria tinha escolhido o bê-â-bá da vida.

Essas narrativas, curtas ou longas, das quais o sentimentalismo está tão ausente como a humidade de uma folha no Outono, esses depoimentos francos e precisos, essas lições de coisas, duma evidência luminosa, onde o humor é uma bóia de socorro para o coração, essas narrativas penetram-vos independentemente da vossa vontade, como o calor ou o frio. Elas atravessam a pele, vão procurar os pontos nevrálgicos, ensinam-vos a sentir. Se não tivesse lido Tchekov, os limites do meu universo levariam mais tempo a recuar e esse universo não seria o mesmo. Tê-los-ia eu visto como vi, a esses transeuntes espantosos que habitam ainda a minha memória, se não tivesse lido tanto Tchekov? As páginas penetravam a realidade, a realidade evolava-se das páginas, a linha de demarcação entre a ficção e a vida esbatia-se e, nas minhas recordações, quase confundia as figuras reais com as que vivem nessas páginas... A piedade imensa, invasora, a solidariedade humana, o ultraje feito ao homem, o grotesco e a tolice envolviam-me como essas vagas que eu via em sonhos, mais altas que o mais alto dos arranha-céus...



EPILOGO

A Rússia inteira é o nosso jardim.
O Gerejal

Aos seis anos, na escola infantil, fizeram-me desempenhar o papel de Sónia em *Os Garotos* de Tchekov. A minha intervenção na peça limitava-se a soltar um grito de pavor: «Uma barata! Uma barata!» Em seguida, devia adormecer, com a cabeça sobre a mesa, onde os outros garotos continuavam uma partida de loto.

Aos treze anos desejava ardentemente um volume de Tchekov, do qual havia lido alguns contos. No meu aniversário ofereceram-me as suas obras completas, satisfazendo assim todos os meus votos. Não posso dizer que as tenha lido e relido: eu lia Tchekov de maneira contínua, perpétuamente, durante anos. A partir dum fragmento de frase colhido em qualquer dos dez ou doze volumes, podia dizer o título do conto ou da novela donde essa frase fora tirada. Aprenda

Nasci numa casa de tijolos vermelhos, ao fundo de uma pequena viela de Moscovo, o beco Spasso-Glinistchevski; o fundo da viela estava tapado por uma grande igreja, o outro lado dava para o Bolchoi (o grande) Spasso-Glinistchevski, que descia em declive cada vez mais acentuado para aquilo que se chamava então o Khitrov Rinok (o Mercado de Khitrov), onde se escondia em qualquer parte, longe, a escória da cidade, uma população chamada os Khitrovitzi, o que equivale a dizer: vagabundos, miseráveis, bêbedos, ladrões...

Passando por um portal ao lado da igreja, eu ia brincar para a Avenida Ilinski, em volta do monumento do general Skobelev, herói da guerra russo-turca; nunca descia a ladeira do Bolchoi Spasso-Glinistchevski, que levava ao Khitrov Rinok, que conduzia aos infernos, mas encontrava os homens que a subiam: os Khitrovitzi, macilentos, andrajosos, homens como jamais voltei a ver, andando com os pés nus sobre a neve, fazendo bicha diante das tabernas, monopólio do Estado onde somente se vendia *vodka*. Eles bebiam o seu quarto de litro, ou mesmo o seu meio litro, no próprio lugar, fazendo saltar a rolha com uma pancada no fundo da garrafa, depois de terem esfregado o gargalo na parede para lhe tirar o lacre (a parede parecia picada

pelas bexigas). Em seguida, afastavam-se vacilantes, tombavam nas valetas, berravam...

Ainda hoje existe a casa de tijolos, caiada, elegante, existe também a avenida e o monumento ao general Skobelev, mas já não há a igreja, nem Khitrov Rinok, nem os Khitrovitzi, Deus seja louvado!

Tudo isto me reaparece como num sonho: os Khitrovitzi que então encontrava, o trenó que passa, o velho cocheiro lá dentro com uma barba de pedaços de gelo, as rédeas frouxas, o velho cavalo ventruado, o seu pêlo de Inverno, hirsuto, branqueado pelo gelo, os aprendizes, correndo como se as pedras da calçada lhes queimassem os pés, não trazendo mais que uma camisa esfarapada sobre o corpo macilento, o *gorodovoi* — agente da polícia — que conduz para um trem de praça uma mulher a cair de bêbeda, arredando-a como a um móvel que estorva, e vejo ainda os cabelos louros da mulher sob o lenço branco tombado para trás e a sua pequena mão branca, como morta, sobre o tecido negro do uniforme... as mulheres bem postas com as suas pequenas botas de feltro, embuçadas em belas peliças... Assim que a cidade deixava de ter neve, as viaturas ruidosas, de rodas desguarnecidas, rolando com um estrondo de tonel vazio pelos pavimentos de Moscovo, dignos de uma cidade medieval.

os gordos comerciantes com o seu volumoso ventre dividido por uma cadeia de ouro, as suas botas lustrosas e rangentes, e também as botas de um *pristav* — comissário da polícia — avançando com passo de locomotiva... e todos esses botões de uniforme, militares, funcionários, estudantes... e as fachadas das casas inteiramente cobertas, de alto a baixo, por enormes letreiros lacônicos: *Taktir* — restaurante; *Kasennaia Vinnaia Lavka* — venda de *vodka* do Estado; *Portnoi*—alfaiate; e os nomes famosos dos produtos lácteos, *Blanford*, *Tchitchkine*, os Maggi russos da época... tudo isso que desapareceu depois da minha infância e que vive em Tchekov com uma força de realidade que nos faz medir a distância percorrida.

... Não tenho necessidade de procurar muito na minha memória para evocar com todos os seus pormenores um chuvoso crepúsculo outonal, quando me encontrava com meu pai numa das ruas populosas de Moscovo, sentindo que uma estranha doença se apossa de mim. Nenhuma dor, mas as pernas dobram-se-me, as palavras atravessam-se-me na garganta, a cabeça tomba-me, faltam-me as forças... Torna-se evidente que vou cair e perder os sentidos.

Se me encontrasse então num hospital, os médicos deveriam assinalar na papeleta colocada

por cima do meu leito: — Fome — doença que não existe nos livros de medicina.

Ao meu lado está meu próprio pai, que veste um ligeiro sobretudo de Verão e traz na cabeça um roto boné acolchoado, donde sai um pedaço de algodão branco. Calça umas grossas e pesadas galochas. Para que ninguém saiba que os seus pés estão nus dentro das galochas, esse homem orgulhoso pôs nas pernas os canos dumhas velhas botas.

Esse pobre original um pouco ridículo, que vou amando cada vez mais na medida em que o seu elegante sobretudo de Verão se vai tornando mais usado e mais sujo, veio há cinco meses para a capital à procura de um emprego de escritório. Durante esses cinco meses, errou através da cidade, pedindo trabalho e só hoje decidiu vir para a rua, mendigar...

.....

Enfim, a estranha doença faz progressos. O ruído das viaturas começa a assemelhar-se ao trovão, no mau cheiro da rua distingo mil odores, os meus olhos vêem relâmpagos deslumbrantes nas lâmpadas dos restaurantes e nos candeeiros de iluminação. Os meus cinco sentidos estão tensos e ultrapassam o normal. Começo a ver aquilo que não podia ver antes.

— Ostras... — consigo distinguir a palavra na tabuleta.

Que estranha palavra! Vivi sobre a terra exactamente oito anos e três meses e nunca a tinha ouvido. Que quer ela dizer? Será esse o nome do proprietário do restaurante? Mas as tabuletas com os nomes são colocadas sobre as portas e não nas paredes!

— Papá, que significa aquilo: ostras?

.....

— Comem-se vivas — diz meu pai. — Estão numa concha, como as tartarugas, mas divididas em duas partes.

.....

Faço uma careta; mas porque é que os meus dentes começam a mastigar? O bicho é repugnante, ignóbil, assustador, mas eu como-o, como-o com avidez, temendo distinguir o seu gosto e o seu odor. Um bicho é comido e já vejo os olhos brilhantes do segundo, do terceiro... Como-os também... Enfim, como o guardanapo, o prato, as galochas de meu pai, a tabuleta branca... Como tudo quanto vejo, porque sinto que só o alimento faria passar a minha doença. As ostras fixam-me com os seus olhos apavorantes, são hediondas, tremo só de pensar nelas, mas tenho fome! Fome.

— Dêem-me ostras! Dêem-me ostras! — o grito sai do meu peito e estendo os braços...

Este conto, *As Ostras*, foi escrito por Antocha Tchekonte em 1884. Oh! ele nada tem de profético, mas quando leio a descrição do funeral de Tchekov, vejo também o rapazito desfalecendo de fome nas ruas de Moscovo, ouço-o gritar aos transeuntes: «Dêem-me ostras!»

Ao acaso dos equívocos, dos telegramas mal interpretados, mal decifrados, o caixão com o corpo de Anton Pavlovitch Tchekov veio de Badenweiler para Sampetersburgo num vagão sobre o qual se via o letreiro: «Ostras».

...A vulgaridade vingou-se, escreve Gorki, pregando-lhe essa partida mesquinha de transportar o seu cadáver — o cadáver de um grande poeta — num vagão destinado ao transporte de ostras. A mancha verde-sujo desse vagão parece-me ser justamente o largo sorriso da vulgaridade, triunfante do seu inimigo desaparecido.

Recordo-me do seu funeral como se fosse um sonho, escreve Kuprine. Um Sampetersburgo frio e totalmente cinzento, os telegramas errados, um pequeno grupo de pessoas na estação, o «vagão das ostras», os funcionários dos caminhos de ferro que nunca tinham ouvido falar de Tchekov e que não viam no seu corpo mais que um frete. Depois — como um contraste — Moscovo, a dor

geral, milhares de homens e de mulheres como outros tantos órfãos, os rostos cobertos de lágrimas. E, por fim, a sua campa no cemitério Novo-Devitchi, coberta de flores, ao lado da campa duma «viúva de Kasak, Olga Kukaretnikova».

A sua campa, no cemitério Novo-Devitchi, está agora rodeada por um cerejal. É um monumento vivo, renovando-se como a vida. O tempo das cerejas volta todos os anos e, talvez, o alegre rouxinol e o melro trocista, ambos em festa, aí construam os seus ninhos, como na canção.

Serei lido durante sete anos ou sete anos e meio, dizia ele a Stchepkina-Kupernik; depois serei esquecido.

Mas, uma vez, acrescentou:

— Depois, passar-se-á ainda algum tempo e voltarão a ler-me, e, nessa altura, ler-me-ão durante muito tempo.

Chegámos a esse momento. Estamos nessa altura em que se lerá Tchekov durante tanto tempo que, do nosso ponto de vista humano, esse «muito tempo» se chamará «sempre».

Tchekov, «escritor eterno que nos inebria», convida-nos a segui-lo nesse futuro em que florescem as cerejeiras.



Estatua de Tchekov em bronze com 2 metros de altura do escultor Leonty Usov, que assinala os 400 anos da cidade de Tomsk. Na viagem para Sacalina os passageiros, por causa do mau tempo, tiveram que esperar 15 dias nesta cidade da Sibéria para poder seguir viagem. Foi nessa altura que Tchekov foi ao teatro ver a sua peça *Pedido de Casamento*, que tinha sido recentemente estreada.

Espectáculos em repertório



Espectáculos para escolas... e para crianças



Em breve, e em cena

Resto Zero: Versão livre da tragédia Antígona de Sófocles do poeta peruano Jose Watanabe. Tradução de Mario Guerra. Concepção do Espectáculo de Rita Lello e Direcção de Ivo Canelas.

Malala, A Miúda Que Ganhou: A história duma menina que nasceu num vale do Paquistão e teve coragem para enfrentar as forças que querem proibir as raparigas de estudar. Espectáculo de Maria do Céu Guerra com José Pato, Rouslem Botiev, David Medeiros e a autora.

O Abrigo - Um Espectáculo de Hélder Costa. Uma sátira sobre a perturbação contemporânea na cultura, na sociedade e na política à escala universal.

Encontros Imaginários: O confronto de ideias através de personagens marcantes da História da Humanidade. Autor e moderador: Hélder Costa, com convidados especiais. Sessões quinzenais à 2ª feira, 21h30 no bar do Teatro Cinearte. Próximas datas: 5, 19 de Novembro, 5, 19 de Dezembro.

Vigésimo aniversário da atribuição do Prémio Nobel a José Saramago



Ciclo Saramago 2015—2017

Claraboia

Obra da juventude do autor, retrata uma Lisboa “remediada” dos anos cinquenta que serviu de base de apoio ao Estado Novo. Saramago diz:

Claraboia é a história de um prédio com seis inquilinos sucessivamente envolvidos num enredo. Acho que o livro não está mal construído. Enfim, é um livro também ingénuo, mas que, tanto quanto me recordo, tem coisas que já têm que ver com o meu modo de ser.”

Nós sentimos ter entre mãos uma comédia negra, género pouco habitual na escrita portuguesa.

Conto da Ilha Desconhecida

“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco...” Um sonho... Uma Vontade de ferro... A Barraca conta aos miúdos um conto de José Saramago. Esteve em cena a partir de Outubro, 2016.

1936, O Ano da Morte de Ricardo Reis

A partir do extraordinário romance de Saramago, um jogo assombroso entre o real e o imaginário, Saramago desafia Pessoa. Confronta o criador Pessoa com a criatura Ricardo Reis. Um poeta morto em trânsito para a eternidade chama à razão o poeta de papel. Só o ano de 1936 nos acorda para a realidade. Esteve em cena de Julho a Novembro de 2016.

Decorridos 8 anos depois da morte de José Saramago, nós que fomos seus leitores e seus amigos temos falta da sua convivência, da sua lição, da sua imaginação, da sua raiva e do seu amor. Temos falta do seu exemplo, da sua coragem. Fazer um espectáculo atenuaria esta falta, conviver todos os dias com a sua escrita, deixar que ela nos entrasse pela vida dentro, suavizaria esta dor de o não ter connosco a fazer-nos temer pela sua coragem em todas as situações, pelo seu espírito de serviço para com a sua arte mas também para com os seus concidadãos. Mas foi difícil escolher a obra e resolvemos a questão programando um ciclo que contém *Claraboia*, o seu primeiro romance escrito em 1952 e por editar até à sua morte, retrato de uma Lisboa que é o avesso da comédia à portuguesa, porque não é ingénua, nem boazinha e do fascismo só tem a sua denúncia. Depois estreámos *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, obra enorme da maturidade, e por último o *Conto da Ilha Desconhecida* para os mais novos, uma história de valor e de coragem que poderá chamar-se, como o fariam os antigos, “uma história de proveito e exemplo”.



Prisão de Condenados em Sacalina, 1890,
da colecção pessoal de Anton Tchekov.

TEATRO CINE ARTE

Largo de Santos, 2, 1200-808, Lisboa
213 965 360 / 213 965 275
barraca@mail.telepac.pt
producao@abarraca.com
www.abarraca.com

Estrutura apoiada por



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

Outros apoios

